

DAMAS DA CRUZ VERDE

Associação filantrópica criada por mulheres no Rio de Janeiro em 1918, responsável pela fundação da maternidade Pró-Matre, até hoje em funcionamento.

ORIGENS E ATUAÇÃO

Desde o final do século XVIII o debate público em torno da pobreza, das doenças e da morte dividiu o mundo ocidental. As mulheres tiveram papel fundamental na criação, organização e gestão de associações humanitárias que tentaram minorar os efeitos da pobreza. No Brasil, essas associações filantrópicas foram sendo criadas a partir do final do século XIX, mas são pouco conhecidas, com exceção daquelas patrocinadas pelas Santas Casas, estas últimas, instituições coloniais. Um exemplo importante da iniciativa de mulheres assistência aos pobres foi a associação criada em 1918 sob a denominação Damas da Cruz Verde do Rio de Janeiro. Suas fundadoras tiveram papel de destaque na profissionalização feminina e na prestação de assistência médica à população mais pobre. Além de dedicar-se à filantropia, as integrantes do movimento foram fervorosas militantes da campanha pelo direito da mulher ao voto, atuando na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino nos anos 1920 e 1930.

Sensibilizadas com a campanha feita pelo médico higienista Carlos Artur Moncorvo Filho (1871-1944), pioneiro da pediatria no Brasil e fundador do Instituto de Assistência e Proteção à Infância, Maria José Vilas Boas de Siqueira Mesquita, a baronesa do Bonfim (1862-1953), sua filha Jerônima Mesquita (1880-1972) e Stela Guerra Duval (1879-1971) reuniram-se em abril de 1918 na residência da família Guerra Duval com um numeroso grupo de amigas, mulheres das classes média e alta do Rio Janeiro, com a ideia de juntaram forças para prestar assistência à maternidade. Participaram da reunião Laurinda Santos Lobo, Jeni Monteiro Amaral, Helena Figueiredo Araújo, Ernestina Passos Bulhões de Carvalho, Nair de Azevedo Teixeira, Maria Engrácia Celso Carneiro de Mendonça, Lo

Landbery e o médico professor Fernando Magalhães (ginecologista e obstetra), além do dono da casa, Fernando Guerra Duval, marido de Stela. Resolveu-se então fundar uma instituição de proteção à mulher pobre e à infância carente e decidiu-se que essa instituição se chamaria Pró-Matre.

Em paralelo a essas gestões para criação da maternidade, explodiu a gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro. As Damas da Cruz Verde já estavam mobilizadas no trabalho para a fundação da maternidade e passaram a prestar socorro às vítimas da pandemia. Em dois meses, no segundo semestre de 1918, haviam morrido no Rio de Janeiro mais de dez mil pessoas. Os hospitais estavam lotados, e diante da precariedade da situação sanitária aquelas mulheres cumpriram um papel cívico de combate à doença e a morte.

A epidemia não esmoreceu a luta pela criação da maternidade. As Damas da Cruz Verde procuraram o presidente da República Venceslau Brás, para solicitar um casarão na avenida Venezuela, número 159, onde pretendiam instalar a instituição. Foram atendidas, e assim, em 9 de fevereiro de 1919, inaugurou-se a maternidade com duas enfermarias, uma de obstetrícia e outra de ginecologia, com 40 leitos. Havia também um consultório para atender as mulheres grávidas, e naquele ano foram dadas cerca de 162 consultas semanais.

Em maio de 1919 a epidemia estava debelada, e o grupo levou adiante os planos de ampliar e diversificar a assistência prestada na maternidade. Foi criada uma creche com capacidade para receber 20 crianças, e nos anos seguintes seriam instalados postos de saúde materna e farmácias em outros pontos da cidade. A maternidade foi ampliada para 155 leitos, distribuídos em 15 enfermarias e 31 apartamentos particulares, além de laboratórios médicos e ambulatórios para prestação de serviços à população feminina e à infância carente. Com isso, a Pró-Matre tornou-se um centro de referência na obstetrícia brasileira. As Damas da Cruz Verde continuaram à frente da maternidade nos anos subsequentes, como foi o caso Stela Guerra Duval, que foi tesoureira da instituição por quase 20 anos e depois foi sua presidente perpétua. Com esse capital político, Stela se candidatou a intendente municipal pelo Partido Autonomista na capital federal, no pleito de 14 de outubro de 1934.

De 1919 a 1985 foram atendidas pelos serviços de saúde da Pró-Matre 270 mil mulheres e nasceram mais de 200 mil crianças. Em 2003, um levantamento contabilizou cerca de 600 mil partos, e uma média de 800 a mil nascimentos por mês. A maternidade contava 108 leitos e transformara-se num importante centro de estudos de obstetrícia no Brasil, a partir dos trabalhos do médico Fernando Magalhães. A Pró-Matre foi uma vitória da persistência de mulheres que uniram sensibilidade frente a causas sociais e conquista de direitos políticos. Sua maternidade funciona até os dias atuais, atendendo as mulheres carentes da região metropolitana do Rio de Janeiro.

Hildete Pereira de Melo/Teresa Cristina de Novaes Marques

FONTES: ARQ. NAC. Fundo FBPF; ARQ. Pró-Matre; Rio Jornal (11/10/1918); *Pequena história* ; *Veja* (17/9/2003). Associação Pro-Matre; *Veja* (13/1/1999). Entrevista com Adèle Lynch, descendente da Baronesa de Bonfim, a Teresa Cristina de Novaes Marques.